



Embora seja tecnicamente um sofá, o Duna do falecido designer francês Pierre Paulin é, como o próprio nome sugere, mais uma paisagem. Em primeiro lugar, é enorme. Composto por seções modulares, muitas vezes é configurado em um conjunto com mais de 3 metros de largura e profundidade, mas que teoricamente pode se tornar infinitamente maior, com encostos que lhe conferem uma sensação topográfica e mesas que se aninham em seu interior como pequenos oásis. O design de Paulin vem de uma posição de generosidade, pois ele concebeu a Duna como algo que poderia ser adaptado a uma variedade de estilos de vida.

The Dune faz parte de uma série de móveis modulares para casa que incluía assentos, estantes e mesas que Paulin projetou entre 1968 e 1972 com a esperança de que a Herman Miller os fabricasse. O projeto nunca foi colocado em produção. Durante décadas, as únicas pessoas que puderam experimentar o modo de vida experimental que Paulin imaginou foram a sua família; o designer mobiliou sua casa de fim de semana com os protótipos, que raramente ficam à vista do público em *Pierre Paulin: Casa de Ação* uma exposição na Judd Foundation até 15 de fevereiro.

Alguém conhece essa marca ou nome de sofá? Estou tentando encontrar um assim para minha nova casa!
byu/playboibenji emFrankOcean

Desde que Paulin morreu em 2009, suas paisagens de assentos de vanguarda ganharam



constantemente o reconhecimento que não receberam quando ele as criou, tornando-se favoritos cult na indústria musical depois que a família de Paulin decidiu continuar de onde ele parou e começar a fazer os designs. . Desde então, a Dune se tornou o equivalente no mundo dos móveis a uma bolsa Birkin, um cobiçado símbolo de status que nem qualquer um pode comprar. A saber: The Dune às vezes é chamado de “sofá de Frank Ocean” depois que o músico postou uma fotografia sua cochilando em um deles em 2019. Entre os artistas que possuem ou foram fotografados nos sofás da Action House? Larry June, Peggy Gou, Flea e Travis Scott.



[Veja esta postagem no Instagram](#)





Uma postagem compartilhada por Benjamin Paulin (@paulinpaulinpaulin)

A história de como um projeto obscuro, e alguns podem dizer fracassado, ascendeu à realeza da cultura pop é uma lição da indústria do design sobre como a família de Paulin administrou um arquivo de maneira cuidadosa e cuidadosa, enfatizando conexões pessoais com os designs em vez de uma estratégia de comercialização em massa. . Afinal, o fato de o sofá Dune estar na casa de qualquer pessoa é profundamente pessoal. “Só [eu](#) estava triste com a morte do meu pai”, diz Benjamin Paulin, filho de Pierre. “De repente, fiquei obcecado com seus arquivos e seu trabalho, porque para mim era uma espécie de forma de me conectar com ele por meio de uma nova discussão. Meu pai era muito dedicado ao seu trabalho, mas não era o tipo de pessoa criativa que falava constantemente de si mesmo.”



(Foto: Timothy Doyon © Judd Foundation/Artists Rights Society (ARS), Nova York)



O que você vai ler:



- [Um design 'utópico' difícil de produzir em massa](#)
- [Assuntos de família](#)
- [O renascimento das dunas e um novo mercado de colecionadores](#)

Um design 'utópico' difícil de produzir em massa

Paulin, que se formou como escultor, projetou móveis que deveriam ser vistos em 360 graus. Num painel de discussão de dezembro realizado em conjunto com a exposição, Benjamin explicou que Paulin estava “obcecado em encontrar uma maneira de evitar qualquer falha na cadeira, para que você possa olhar a peça de qualquer ângulo sem ver detalhes técnicos ou pequenas coisas feias. ” Sua [inovação](#) foi ver a estrutura de uma cadeira ou sofá como um esqueleto, que ele então acolchoou com espuma moldada usada na indústria automotiva e envolveu em material elástico de maiô para obter formas contornadas. Por causa da experimentação técnica, Paulin muitas vezes teve dificuldade em encontrar fabricantes para produzir seus projetos.

A coleção no *Casa de Ação* A exposição – que foi simplesmente chamada de “o Programa” nos registros de Paulin – envolveu mais experimentação técnica e conceitual. Paulin estava explorando como um espaço residencial seria mais parecido com um ambiente total. Para tanto, os assentos eram “uma articulação do chão”, explica Benjamin.

No início da década de 1970, Paulin trouxe uma maquete de seu conceito para a sede da Herman Miller em Michigan, na esperança de que eles pudessem produzir o projeto. Não há muito nos arquivos da Herman Miller sobre o projeto. Até agora, Amy Auscherman, chefe de arquivos e patrimônio de marca da MillerKnoll, empresa controladora da Herman Miller, encontrou apenas uma breve menção ao projeto em uma fotocópia parcial de um documento de design e desenvolvimento de maio de 1973. Inclui o “Sistema Paulin” juntamente com o sistema Co/Struc, uma adaptação do Action Office para cuidados de saúde; a coleção Poul Kjaerholm, que a empresa distribuiu brevemente na década de 1970; e o projeto de assentos modulares Chadwick. (Pode haver mais informações sobre o sistema Paulin em outros artigos que ainda não foram descobertos ou processados.)



Pierre Paulin sentado em um *Boudin Amphys* sofá, ca. 2008. (Foto: Raphael GAILLARDE/Gamma-Rapho/Getty Images)

A teoria de Auscherman é que a Herman Miller estava interessada em aumentar o seu perfil na Europa e potencialmente desenvolver mais produtos residenciais e, portanto, envolveu-se

com Paulin. Não está claro por que o projeto não avançou. O próprio Paulin considerou o projeto “muito utópico”. Mas provavelmente houve razões comerciais. “Uma parte interessante da história do design é como muitas dessas coisas entram ou não no mundo por causa de uma decisão de negócios”, diz Auscherman. “Tipo, a economia estava ruim naquele ano, então a Herman Miller simplesmente não adotou um sistema residencial.”



(Foto: Timothy Doyon © Judd Foundation/Artists Rights Society (ARS), Nova York)

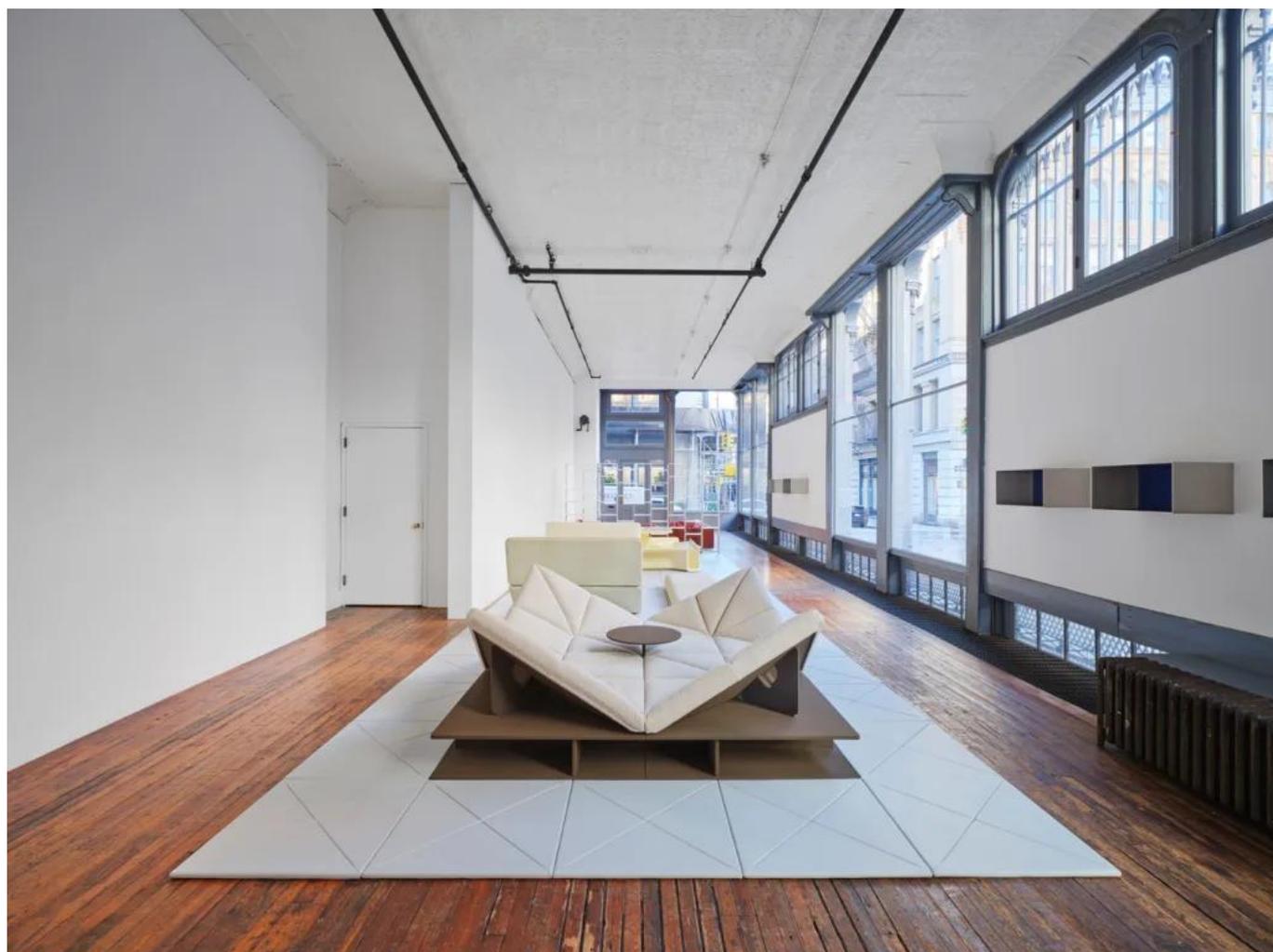
Assuntos de família

Embora o conceito de Paulin não tenha sido adotado quando ele estava vivo, ele e sua família puderam pelo menos aproveitar os protótipos que ele encomendou. O Déclive, um design em forma de U sem pernas, era o favorito de Benjamin. “Cresci nisso, brincando com o gato, lendo livros”, diz ele.

O Centro Pompidou adquiriu alguns dos protótipos, bem como as maquetes. Após a morte de Paulin, houve um renascimento do interesse por seu trabalho experimental e galerias e museus começaram a incluir seus projetos em exposições. Benjamin tinha esquecido o Déclive até vê-lo na exposição. Foi um encontro agrídoce. “Fiquei muito emocionado porque ainda consigo sentir e cheirar o tecido e sentir a impressão de conforto, mas não consegui

tocá-lo porque agora era uma peça de museu”, diz ele. “Eu pensei, uau, se um dia eu tiver um filho, ele não será capaz de vivenciar o que eu costumava vivenciar.”

Naquela mesma noite, Benjamin participou de um jantar na casa do estilista Azzedine Alaïa e a experiência do museu surgiu na conversa. “Fiquei um pouco intimidado na época e não sabia o que dizer a ele, então contei a ele uma história sobre o Déclive que vi naquele mesmo dia”, lembra Benjamin. “Então ele me disse: ‘Diga-me quanto dinheiro você quer e depois produza um para mim, para que pelo menos haja um fora do museu’”. Sem saber como iria fazer isso, Benjamin disse que sim.



(Foto: Timothy Doyon © Judd Foundation/Artists Rights Society (ARS), Nova York)

O renascimento das dunas e um novo mercado de colecionadores

Depois de entregar o sofá para Alaïa, correu a notícia no cenário do design francês de que Benjamin estava revivendo algumas das peças experimentais de seu pai sob o selo Paulin Paulin Paulin, que ele e sua família lançaram em 2013. (Empresas como Artifort e Ligne Roset fizeram, e continuar a fazer alguns dos designs mais fáceis de fabricar de Paulin.)

“Tudo começou no estilo avalanche”, diz Paulin. Nicolas Ghesquière, um colecionador de Paulin, encomendou 30 sofás Osaka longos e finos (que Paulin projetou em 1967 e não faziam parte do projeto Action House) para um desfile de moda da Louis Vuitton em 2014. Através disso, Benjamin conheceu Michael Burke, o CEO da LVMH, e propôs com sucesso uma exposição sobre a coleção Action House como uma continuação da realização da marca Design Miami de uma casa nunca construída de Charlotte Perriand. Então, no jantar de abertura da mostra de 2014, Benjamin conheceu o marchand Emmanuel Perrotin, que acabou encomendando edições limitadas das peças para uma exposição individual de Paulin em 2016. Nesse mesmo ano, o Centro Pompidou realizou uma retrospectiva do designer, que levou o seu trabalho a um público mais vasto.

“Nós apenas fazemos o que achamos incrível”, diz Benjamin sobre os projetos que Paulin Paulin Paulin assume. “E aí se as pessoas tiverem interesse em comprar as peças, então a parte comercial está feita, mas não queremos colocar isso em primeiro lugar.”

Após a exposição Design Miami, os músicos, que estavam entrando no mundo das galerias de design, começaram a observar os designs de Paulin. Benjamin, que assinou contrato com o Universal Music Group antes de entrar no ramo de móveis, estava ansioso para compartilhar a história. Benjamin recebeu consultas de Kanye West, que equipou seu showroom em Paris com sofás Paulin, e depois da Ocean.

Benjamin suspeita que seu respeito e conhecimento sobre a indústria musical ajudaram a unir o trabalho de Paulin aos artistas musicais. “Quando conheci Kanye, eu realmente queria que ele se conectasse comigo porque eu era fascinado por ele como músico e queria que ele ficasse fascinado pelo trabalho do meu pai”, diz Benjamin.

Os sentimentos de respeito mútuo entre as indústrias não eram a norma naquela época. “Ao mesmo tempo, pessoas da indústria musical frequentavam galerias de design e talvez não recebessem o mesmo tipo de interesse porque as pessoas não as conheciam”, diz Benjamin. “Uma galeria muito famosa de Paris me contou que um dia um cara foi ao estande da Design Miami perguntar o preço da mesa e ele estava pensando que era um [segurança](#). E foi Puff Daddy.” (O racismo casual da indústria do design tem sido um problema há muito tempo.)

Auscherman observa que a ascensão de Pierre Paulin nos círculos de celebridades é um exemplo de um novo mercado de colecionadores de design. “O design está mais popular do que nunca”, diz Auscherman. “E assim um sofá Dune está alcançando a aura de um Bentley ou de um Rolex. Não quero dizer que é um troféu, mas porque é utilizável, é quase ainda melhor. Você consegue conviver com isso.



[Veja esta postagem no Instagram](#)



Uma postagem compartilhada por Benjamin Paulin (@paulinpaulinpaulin)

Paulin Paulin O Instagram de Paulin é um pouco como o Page Six, com [fotos](#) de fãs famosos da marca. Benjamin observa que a empresa não encomenda patrocínios ou influenciadores pagos. “Nunca posto imagens de celebridades com nossos móveis se elas não postarem primeiro”, diz ele.

À medida que mais pessoas aprendem sobre os móveis de Paulin e o que eles simbolizam, a demanda por instalações aumenta. Para as Olimpíadas de Paris do ano passado, Paulin Paulin Paulin colaborou com a Nike em uma sala de audição composta por meia dúzia de sofás Tapis-Siège (traduzido como “assento de carpete”, esses designs ficam planos e têm cantos que podem ser apoiados para formar encostos de assento). A instalação viajou para



o Design Miami, em colaboração com o atleta e designer Stefon Diggs, e depois para Las Vegas.

Mesmo assim, a produção continua pequena. A marca fabrica os sofás Dune sob encomenda na França e no ano passado foram vendidos menos de 20. A exposição na Fundação Judd é um dos poucos lugares para experimentar pessoalmente os artigos genuínos. (Como todos os sofás de status, há uma infeliz economia de imitação para os designs.) Depois que Flavin Judd, o diretor artístico da Fundação e filho de Donald Judd, viu os protótipos e fotografias das maquetes na casa de Benjamin e aprendeu sobre as semelhanças entre como Paulin e Judd aproximou-se dos móveis, queria expor as peças em Nova York.

“Há algo semelhante de sinergia entre o modo como os móveis de Judd e Paulin funcionam em um espaço”, comentou Alexandra Cunningham-Cameron, curadora da Cooper Hewitt, em um painel de discussão sobre a exposição em dezembro. “Ele segura o espaço de uma forma particular, que é o mobiliário se tornando a arquitetura e difundindo a fronteira entre o espaço e o ambiente e os objetos.”

Benjamin acolhe cada vez mais o interesse pelos designs de seu pai e deseja levá-los a mais museus e galerias. Ele também continua a aprofundar seu relacionamento com a indústria musical. A saber: ele está transformando sua casa em um estúdio de gravação e convidando as pessoas a criar o que ele chama de “o som de Paulin”.

“Sonho com (Paulin Paulin Paulin) mais como um clube de membros do que como uma marca”, diz Benjamin. “Não quero ser uma marca. Gosto da ideia de uma comunidade onde me sinto ligada a todas as pessoas que possuem as nossas peças porque são todas muito interessantes e de mundos muito diferentes. Estou feliz por podermos ser o ponto comum entre tantas pessoas incríveis.”